

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA:
GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Pedro Ivo de Oliveira Cardoso

AS DIVERSAS VIVÊNCIAS DO AMAR NA CONTEMPORANEIDADE

BELO HORIZONTE

2022

Pedro Ivo de Oliveira Cardoso

AS DIVERSAS VIVÊNCIAS DO AMAR NA CONTEMPORANEIDADE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. José Paulo Giovanetti.

BELO HORIZONTE

2022

150 C268d 2022	<p>Cardoso, Pedro Ivo de Oliveira.</p> <p>As diversas vivências do amar na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Pedro Ivo de Oliveira Cardoso. - 2022.</p> <p>1 recurso online (37 f.) : pdf</p> <p>Orientador: José Paulo Giovanetti.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Amor. 2. Existencialismo. I. Giovanetti, José Paulo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
AS DIVERSAS VIVÊNCIAS DO AMAR NA CONTEMPORANEIDADE
PEDRO IVO DE OLIVEIRA CARDOSO

monografia defendida e aprovada, no dia **dez de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

José Paulo Giovanetti - Orientador
FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 14 de junho de 2023.
Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 14/06/2023, às 09:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 14/06/2023, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2382858** e o código CRC **F119D133**.

Dedico a minha mãe,
a meu pai e
a meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Sendo o tema sobre amor, sobre relações interpessoais, toda relação que se estica um pouco mais em nossas vidas nos toca e nos impacta de alguma maneira. Principalmente quando a pessoa do outro lado é cuidadosa e amorosa o suficiente para isso. Dessa forma, todos aqui citados tiveram esse papel de cuidado e de amorosidade. E por isso eu vos agradeço.

Primeiramente, ao meu núcleo amoroso. Agradeço à minha mãe, Silvana, por sempre me apoiar e por acreditar no que eu idealizo. Agradeço ao meu pai, Ivan, e aos meus irmãos João Antônio e Bernardo Lucca. Todos vocês são meu respiro, meu lugar familiar e de aconchego. Assim como a todos os meus familiares que sempre estiveram comigo: tias, tios, primas e primos.

Agradeço aos professores dos colégios por onde passei e aos professores de Psicologia que tive, especialmente aos que me acolheram com tanto carinho e respeito. Agradeço também aos professores da pós, que tive o enorme prazer de conhecer ou de reencontrar. Por último, agradeço imensamente ao Giovanetti, por ser meu orientador e mentor nessa mais recente fase.

Além disso, agradeço aos meus amigos. Desde os mais antigos aos mais recentes. Dos mais presentes aos mais distantes. Agradeço mais especialmente ainda a Marcos, Ruth, Duda, Eduardo, Léo, Mário, Laura, Letícia, Belle, Flor e Raíssa, por serem os melhores dentre os melhores. Agradeço muito também à minha turma da pós, que foi apoio durante todos os momentos, principalmente os difíceis. E agradeço ao Guilherme, que sempre estará presente.

Agradeço ao Eduardo, meu psicólogo, que foi e é parte importante da constituição não só desse trabalho, mas que me acompanha direta e constantemente há anos.

Agradeço, por fim, a Milena. Minha namorada, com quem aprendo todos os dias um pouco mais sobre o amor e sobre o amar.

*Chore o mar, ria as nuvens
Brinque com o sol e o vento e o frio
Em ritmos lentos, em ritmos tímidos
Meu sino de amor mantém o tinido*

(Pedro Ivo)

RESUMO

Para poder compreender o amor na contemporaneidade, precisa-se partir antes de uma compreensão sobre a própria contemporaneidade e depois de um entendimento sobre como se dão as relações amorosas. A primeira surge de um olhar sócio-cultural para a historicidade das mudanças ocorridas, enquanto que a segunda se relaciona com uma maneira existencial de se compreender como as pessoas se relacionam amorosamente na atualidade. Dessa forma, buscou-se por meio de diversas mudanças que se pode ter registro nas sociedades contemporâneas traçar um entendimento sobre como os relacionamentos amorosos e as vivências de amar estão acontecendo. Paralelamente, o olhar existencial para a pessoa humana se faz necessário na medida em que compreender o ser humano e as relações que ele estabelece com os outros possibilita que se possa ter um olhar mais atento para os modos diferentes como as pessoas efetivamente se relacionam. Com isso, compreender contexto e indivíduos se torna tarefa deste trabalho, a fim de se elaborar concepções sobre as dinâmicas afetivas amorosas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Amor. Contemporaneidade. Relacionamentos. Existencialismo.

ABSTRACT

In order to comprehend love in contemporaneity, it's necessary to first understand about the contemporaneity itself and then to understand how loving relationships occur. The first one appears under a sociocultural look at the historicities of the changes that have taken place, while the second one relates to the existential manner of comprehending how people are currently in a loving relationship. Thus it sought through various changes that could be registered in contemporary societies to draw an understanding about how loving relationships and the loving experiences are actually happening. At the same time, the existential look over the human person is necessary insofar as to comprehend the human being and the relationships that can be established with each other and make it possible to have a look closer to the different ways how people relate to each other. Therefore, comprehending contexts and individuals becomes the assignment of this final paper, with the objective to elaborate conceptions about the affective and loving dynamics in contemporaneity.

Keywords: Love. Contemporaneity. Relationships. Existentialism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A CONTEMPORANEIDADE.....	13
Amor e Morte.....	14
O amor como mercadoria.....	15
Parentesco e Afinidade.....	16
Sexo e Filhos.....	18
Solidariedade e Sociabilidade.....	19
3 SOBRE O AMOR.....	21
A necessidade fundamental de amar e ser amado.....	22
Necessidades Estruturantes e Situacionais.....	23
Crescimento e Processo Defensivo.....	26
A Relação Calorosa.....	27
O Amar.....	28
4 O AMAR NA CONTEMPORANEIDADE.....	30
O amor.....	31
Monogamia e Não-monogamia.....	32
Relações assexuais.....	33
Como as pessoas amam afinal?.....	34
Risco e Possibilidade.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6 REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

As diversas mudanças advindas com a modernidade, como a expansão dos meios de comunicação e de transporte, inauguraram uma nova fase em termos de avanços tecnológicos. A partir disso, a sociedade pôde se deparar com modificações cada vez mais rápidas e profundas. O rádio, a fotografia, o telegrama, o telefone e a televisão são os precursores dos computadores, dos telefones móveis, da Internet, das redes sociais e dos *smartphones*. Com isso, as relações humanas também têm se modificado e faz-se necessário lançar um olhar para como essas mudanças interferem na maneira como os seres humanos têm lidado consigo mesmos, com os outros e com o mundo que os cerca.

Dessa forma, propõe-se com esse trabalho analisar por um ponto de vista sócio-cultural as relações amorosas que se constituem na contemporaneidade. Com esse intuito, para além de se estabelecer o contexto em que essas mudanças acontecem e como se tem percebido os relacionamentos amorosos na atualidade, também ocupou-se de constituir um olhar existencial sobre a forma como esse tipo de relação se dá entre as pessoas. A maneira como as pessoas amam e são amadas e como essas relações de amor acontecem são o foco a ser trabalhado.

Para poder ter essas compreensões, buscou-se dois autores que pudessem, de um lado, falar sobre essas modificações na contemporaneidade, e do outro, falar sobre as estruturas das relações amorosas. No primeiro caso, o olhar criterioso e cuidadoso do sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman foi fundamental para entender o contexto em que se está inserido. Por meio de sua obra “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos”, pôde se ter um enfoque direcionado para como as relações da contemporaneidade estão sendo pautadas por fragilidade e impermanência.

Já no segundo caso, encontrou-se na obra “A Pessoa Humana: Introdução ao estudo da pessoa e das relações interpessoais”, do psicólogo francês Yves Saint-Arnaud, o olhar necessário para dimensionar a pessoa humana e como, a partir disso, as relações com os outros podem se configurar e tomar forma, principalmente a relação amorosa.

Dessa maneira, o trabalho presente divide-se em três partes. Na primeira, trata-se sobre a contemporaneidade por meio do olhar de Bauman, abordando-se os seguintes aspectos: a relação entre amor e morte; como o amor tem sido visto atualmente como uma mercadoria; as diferenças entre os conceitos de parentesco e de afinidade; as modificações histórico-culturais percebidas nas relações da sociedade com o sexo e da sociedade com os filhos; e como a solidariedade pode ser um caminho para uma maior relação de sociabilidade na vida presente.

Na segunda parte, trata-se sobre o amor na perspectiva de Saint-Arnaud, elaborando-se os pontos: a descrição da necessidade fundamental de amar e ser amado; as características das necessidades estruturantes e situacionais; as diferenças entre crescimento e processo defensivo; o que é a relação calorosa; e, por fim, o que se entende então pela concepção de amar.

Por último, na terceira parte, a partir das perspectivas de ambos os autores, pode-se traçar alguns panoramas sobre o amar na contemporaneidade e suas diversas vivências e experiências. Divide-se, então: o que é o amor; como se pode ter uma compreensão de monogamia e não-monogamia; relações em que o sexo não é fundamental ou mesmo presente; uma caracterização sobre a maneira que as pessoas amam; e uma visão sobre os relacionamentos amorosos como risco, mas também como possibilidade.

Assim, procura-se elaborar neste texto um pouco sobre as diversas vivências do amar na contemporaneidade. Por ser o tema do amor e das próprias relações afetivas assuntos tão amplos e densos, não se pretende esgotá-los de nenhuma maneira nessas considerações presentes. No recorte das relações interpessoais e das relações afetivas, dimensiona-se as relações amorosas e, dentro destas, as relações de envolvimento amoroso em um nível mais íntimo, no sentido de paixão e de uma entrega profunda para com a outra pessoa. Mesmo nesta análise última, ainda há bastante a ser pensado e considerado, já que o amor e o amar são tão diversos e potentes, mutáveis e propiciadores de mudanças.

2 A CONTEMPORANEIDADE

Para se poder ter um panorama das sociedades atuais, optou-se por tomar como ponto de partida o livro “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos”, de Zygmunt Bauman. Este foi um sociólogo e filósofo polonês, professor, e autor do aclamado conceito de “Modernidade Líquida”. Nessa obra, ele se aprofunda um pouco mais na modernidade líquida, característica descrita por ele da sociedade contemporânea, para poder descrever de que modo ele percebe essa liquidez também no amor, nas relações e nos laços que se formam na atualidade.

Para isso, o professor divide seu livro em quatro capítulos. O primeiro deles, “Apaixonar-se e desapaixonar-se” se refere a como ele percebe as relações amorosas na atualidade. O segundo, “Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade”, possibilita que ele explore o conceito de sociabilidade tanto de maneira voltada para as interações particulares de cada indivíduo, quanto também para uma ideia de integração coletiva, de um grupo. Já no terceiro, “Sobre a dificuldade de amar o próximo”, são aprofundados conceitos de ética e de moral que permeiam o social, e sobre como há um conflito no movimento de se aproximar de forma carinhosa e caridosa com o outro. Por fim, no quarto capítulo, “Convívio destruído”, Bauman tem a oportunidade de se aprofundar na questão dos refugiados e de que maneira as sociedades atuais criaram verdadeiras formas de segregar as pessoas. Principalmente por suas diferenças.

O foco desta monografia, entretanto, é o das relações interpessoais de amor, a vivência dos indivíduos. Dessa forma, optou-se por concentrar a análise principalmente nos dois primeiros capítulos, que descrevem de maneira substancial uma visão de como essas relações têm se constituído atualmente. Isso não significa que os dois outros capítulos foram descartados da análise. Pelo contrário. Eles são o fundo necessário em que se apoia a figura para a qual se pretende olhar com este trabalho. Essa observação, ao contrário, foi pensada justamente com o intuito de situar o leitor sobre o que é foco e o que é contexto indissociável, ainda presente, ainda importante. Isso inclusive não impossibilita que este fundo seja trazido à tona vez ou outra, pincelado, para se constituir a figura.

Amor e Morte

Para Bauman, os dois eventos mais significativos na história de vida de uma pessoa são quando ela se apaixona e quando ela vive seu derradeiro momento de fim de vida. Por mais que em um primeiro momento essa aproximação possa soar estranha, vale lembrar que, por detrás de todo o simbolismo pré-concebido que culturalmente se pode ter do que é a morte e do que ela representa, ambos a morte e o amor são fenômenos avassaladoramente humanos. Viver é amar e viver significa, impreterivelmente, morrer.

Assim o autor atenta para como, desde sociedades mais tradicionais, tanto para o amor quanto para a morte, foram-se criando e consolidando tradições, ritos e conhecimentos de preparação para ambos os momentos. Os ritos fúnebres, em suas mais variadas manifestações, são exemplos disso. Porém, para Bauman, há uma crise na contemporaneidade em relação ao conhecimento amoroso. As pessoas não aprendem sobre o amor com cada relacionamento que têm e ter mais relacionamentos, quantitativamente, não leva a uma maior preparação para poder se entregar melhor ou para amar melhor.

Na verdade, segundo o autor, o que parece acontecer é uma experiência de desaprendizado amoroso. A cada experiência amorosa as pessoas adquirem mais sentimentos de frustração, de desilusão e de cinismo, desacreditando daquela vivência como possibilidade. Consequentemente, isso leva a uma vontade cada vez menor de efetivamente se entregar para uma relação e de construir um vínculo verdadeiro e legítimo estando com uma outra pessoa.

Para caracterizar então qual seu entendimento sobre amor, Bauman traz a obra “O Banquete”, de Platão. Com base nela, ele explica a visão de Sócrates sobre o amor, sendo este a intenção de construir algo grandioso juntamente de uma pessoa significativa, que se admire e que se respeite. Amor, portanto, teria a ver com a ideia de projeto de vida, e não um interesse meramente por características particulares da pessoa, sejam elas físicas, cognitivas ou relacionais.

Amor seria, por conseguinte, um exercício constante, uma construção. Não algo acabado, mas que requer permanente cuidado e manutenção. Inclusive, a etimologia da palavra “manutenção” vem do latim “*Manus tenere*”, que significa “ter

em mãos”. Dessa forma, ter em mãos um relacionamento afetivo significativo e ter também as possibilidades de mantê-lo e conservá-lo sempre presentes.

O amor como mercadoria

O que acontece atualmente nas relações amorosas, de acordo com o autor, não é uma construção conjunta de um projeto de vida que tenha a perseverança como valor, mas sim um esfacelamento dessas ideias. Bauman aponta para uma transferência da lógica consumista da sociedade atual também para as relações afetivas.

A sociedade contemporânea, consumista, é bastante influenciada por critérios de ordem econômica, então tem-se entrado em relacionamentos da mesma maneira como se estabelece relações de consumo. Espera-se adquirir um bom serviço ou produto, uma boa compensação, por aquele investimento, seja ele afetivo, de tempo ou mesmo financeiro. Da mesma forma, um produto é algo pronto, acabado, a fim de ser adquirido. Essa lógica se choca com a ideia de um relacionamento que precisa de tempo e cuidado, que precisa ser construído e aperfeiçoado.

Há atualmente, de acordo com o autor, um imediatismo pelo consumo, por se ter o que se quer na hora que se quer; e uma baixa tolerância para se lançar em um relacionamento que requeira tamanho investimento, tamanha entrega, e que signifique participar da mudança de um outro significativo, mas também se mudar junto, no processo. Confunde-se, dessa maneira, amor e desejo. O desejo é dessa ordem do instantâneo, do imediato, da pronta satisfação.

Mais do que isso, há ainda a visualização das qualidades das relações afetivas por meio também da métrica do consumo. A transformação das relações afetivas pela lógica das relações de consumo implica, conseqüentemente, na modificação das expectativas em relação a esse relacionamento. Espera-se de um relacionamento aquilo que se esperaria de um investimento econômico, por exemplo. Um investidor “gasta” tempo, dinheiro e recursos para adquirir uma determinada ação e espera, em contrapartida, uma compensação por esses investimentos.

O grande paradoxo, explica o autor, está no fato de que ninguém se apaixona por uma ação da Bolsa de Valores. As ações são bens que são adquiridos da mesma forma como são descartados, caso se veja um uso melhor desse valor em algum outro investimento, por exemplo. Seguindo essa mesma lógica, na aparição de um parceiro mais interessante; independente dos critérios, sejam eles estéticos, afetivos ou outros; mas, ao vislumbrar a possibilidade de uma parceria que agrade mais, a pessoa prontamente descarta o parceiro atual.

Os relacionamentos amorosos tornam-se então fonte de uma dupla ansiedade: por um lado, há a ameaça constante da pessoa ser largada ou substituída, descartada. Por outro lado, permanecer no relacionamento também causa ansiedade. Principalmente porque, segundo Bauman, estar com outra pessoa implica em tornar o futuro ainda mais incerto e inseguro. Se a incerteza do futuro individual já é algo que pode amedrontar, inserir uma outra pessoa nessa equação pode fazer as coisas se tornarem mais incertas e assustadoras ainda. Até porque estar com alguém implica em fazer concessões e abrir mão de situações, dar apoio e recalculas rotas de vida. Tudo isso também pelo outro, o que pode dificultar o estar junto com essa pessoa.

Parentesco e Afinidade

O autor traz então dois conceitos, tendo em vista a fragilidade e a precariedade dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade. As relações de parentesco são relações objetivas, não escolhidas e inalteráveis. Pai e filho, por exemplo, continuarão sendo pai e filho, mesmo que eles não se gostem. Esse tipo de relação define as relações familiares e acompanha as características tradicionais e culturais que se têm em cada sociedade, tais como o hábito de pedir benção a um membro mais idoso da família, por exemplo.

Já as relações de afinidade, por outro lado, são consequência de processos de simpatia mútua que se dá entre duas pessoas a partir de gostos em comum e da reciprocidade. Exemplos disso são as relações que se constituem porque ambos querem e estão dispostos, como as de amizade ou de envolvimento amoroso. Bauman chama a atenção para o termo alemão que diz respeito a esse tipo de

relacionamento, *Wahlverwandschaft*, que é o sentimento de estar conectado com alguém, de se atrair pelo outro.

Diferentemente dos relacionamentos de parentesco, os relacionamentos de afinidade não possuem regras do jogo social já pré-dadas, salvo quando estas são regras que fazem parte do convívio social de maneira geral. Por esse motivo, tradicionalmente, esses relacionamentos requerem um maior dispêndio de energia para serem conservados. Precisam ser cultivados para serem mantidos vivos. É preciso estar presente, negociar interesses e expectativas, manter-se próximo da pessoa com quem se tem afinidade, pois esse sentimento tende a se afrouxar com o passar do tempo e com eventuais distanciamentos, principalmente físicos.

Vale notar, entretanto, que devido a essas diferenças, ao longo da história, existiu-se recursos para transformar relacionamentos pautados na afinidade em relacionamentos da ordem do parentesco, tais como o próprio matrimônio, o casamento. Porém, como mais uma característica da contemporaneidade, instituições que antes eram vistas como irrevogáveis, totalmente sólidas, a citar o próprio matrimônio, na atualidade não são mais vistas dessa forma. É possível hoje se separar ou se divorciar de alguém.

Longe de cair no erro de um julgamento moral a respeito, essas modificações, na verdade, apontam para de que maneira na contemporaneidade se tem priorizado mais os relacionamentos da ordem da afinidade. As pessoas tendem, cada vez mais, a se manter próximas apenas de outras pessoas que são simpáticas a elas e à forma como elas pensam e entendem o mundo. Além disso, só se mantêm próximas enquanto essa simpatia durar. Quando isso acaba, o relacionamento se dissolve.

Essa percepção da fluidez - e conseqüente fragilidade - dos relacionamentos afetivos é muito clara ao se pensar nas redes sociais e no mundo virtual. Pode-se interagir, criar redes de contato e conversar com diversas pessoas, tudo com extrema facilidade. Da mesma maneira, essa facilidade também existe ao romper um contato, bloquear, silenciar uma pessoa, seja porque ela se tornou incômoda ou porque aquela relação já não é mais oportuna naquele momento. A facilidade para se conectar é a mesma facilidade para se desconectar, pois esses são os dois movimentos presentes no conceito de rede.

O critério do mundo digital se transpõe ao das relações do mundo não-virtual, “*offline*”, por assim dizer. Romper relações reais, face a face, olho no olho, é sempre um evento traumático, pois lidar com o conflito e com o rompimento, por si só, gera receios e inseguranças. A pessoa tem que encontrar desculpas, explicar, mentir. Ainda assim, ela não se sente segura, pois aquilo vai refletir na outra pessoa de alguma maneira e esta vai reagir àquela decisão. Vai se indignar, vai contestar, ficar nervosa, triste. Na Internet, por outro lado, basta cortar a relação. Remover ou bloquear a pessoa das redes. Não requer explicação, justificativa, e a pessoa não precisa lidar com a reação que a outra teria.

Fato é que as tecnologias impactam o mundo de maneira a apagar algumas fronteiras, principalmente de ordem espacial e temporal. Não se precisa mais estar fora ou distante de algo. Há uma constante presentificação de tudo e de todos. Da mesma maneira, a proximidade física não implica necessariamente na proximidade afetiva para com outra pessoa. Pode-se estar virtualmente conectado com pessoas de outras cidades, estados ou mesmo países. Enquanto que, na própria casa em que se mora, a pessoa se mantém distante de seus familiares, por exemplo.

Sexo e Filhos

O sexo sempre teve um papel decisivo e definidor nas relações humanas. Muitos dos contatos com outros indivíduos se baseiam em esforços de simpatia que estão relacionados, implicitamente ou não, a um certo desejo sexual. Querer parecer simpático, inteligente, atrativo, para um possível parceiro. O sexo é, portanto, uma ferramenta importante para regular as relações sociais.

Paralelamente a isso, a ideia de sexo sempre esteve historicamente atrelada a outras ideias, como as de procriação e de construção de uma família. Em algumas sociedades, desde primitivas a outras mais atuais, o sexo também foi atrelado a ideias religiosas. É comum, por exemplo, se ver e se interpretar o sexo como um ato sagrado. Uma entrega tão profunda e tão íntima que deve ser tratada como algo da ordem do divino.

Porém, observa-se uma mudança na perspectiva antropológica do significado que o sexo tem ganhado ao longo do tempo e na contemporaneidade. Na sociedade atual, há uma emancipação, uma dissociação da ideia de sexo desses subconceitos

tradicionais. Graças aos avanços da medicina e de outras tecnologias, é possível hoje ter uma relação sexual sem que isso leve a ter filhos, por meio de métodos contraceptivos. Da mesma forma, é possível ter filhos sem uma relação sexual, por meio de técnicas de reprodução assistida, como a fertilização *in vitro*, e até mesmo com a adoção, por exemplo.

Por isso mesmo o próprio significado antropológico de se ter filhos também veio ganhando diferentes conotações ao longo do tempo. Antes era comum serem vistos como mão-de-obra, uma possibilidade a mais de ganho financeiro. Atualmente, porém, os filhos deixam de ser um ativo financeiro para a família e se tornam um passivo muito negativo, pois ter filhos custa caro e envolve um dispêndio não só de ordem econômica, mas emocional, afetiva e de tempo.

Ainda mais na modernidade líquida, em que há um alto grau de incerteza quanto ao futuro. O mundo está veloz, móvel, e essa mesma mobilidade é supervalorizada, pois significa ter uma ampla margem de manobra sobre a própria vida: poder se readequar, se readaptar a qualquer mudança de circunstância. Ter um filho, portanto, pode significar uma redução dessa margem de manobra, uma restrição de escolhas e possibilidades, uma vez que, com um filho, a pessoa tende a se prender a ele, a fim de garantir sua criação e desenvolvimento saudável. Os filhos passam a ser vistos como um ônus, um importante risco a ser considerado na rota de cálculos da família.

Solidariedade e Sociabilidade

Os relacionamentos amorosos passam da perspectiva de uma união com alguém significativo em prol de uma construção conjunta para uma ideia de mercadoria, de produto no qual a competição define quem é o “vencedor” ou o “mais merecedor”, seja o que for que esse vencedor ganhe efetivamente. Há a ansiedade de ser trocado, substituído, da mesma forma que o futuro incerto de uma construção a dois também gera inseguranças.

As relações de afinidade ganham força e protagonismo frente às relações de parentesco e o encurtamento das fronteiras com o advento da tecnologia e da conectividade virtual tanto aproxima quem está longe quanto, também, parece afastar quem está perto. A rede de conectividades permite, com a mesma facilidade,

criar vínculos e também desfazê-los, de forma abrupta, sem ser necessário apresentar maiores explicações.

Sexo passa a ser desvinculado de suas ideias tradicionais e filhos passam a ser uma escolha diante de um cenário positivo de possibilidades. Frente a todo esse contexto de mudanças e também de fragilidade das relações sociais que Bauman aponta, sua aposta para resistir a uma lógica de individualização, de mercantilização e de consumismo da vida e das relações humanas é a solidariedade.

De acordo com o autor, os conceitos de Fraternidade, de Comunidade e de Solidariedade têm estado fora de moda nos dias atuais. Isso ocorre não porque os indivíduos desprezem tais conceitos, mas porque, no mundo atual, se mede as trocas afetivas por critérios econômicos: o que que se ganha e o que que se perde. Algo que leva a uma dificuldade de se relacionar com uma outra linguagem.

Perde-se, com isso, a sociabilidade, que é o prazer de estar com o outro, de levar uma vida em comum, em comunhão. A sociabilidade diz de uma inclinação do ser humano de viver na companhia de outros seres humanos e a aposta de Bauman para isso é o engajamento em relações estruturadas em torno de um afeto genuíno e de um interesse verdadeiro em estar na presença daquela outra pessoa, a fim de aprender e trocar com ela, sem que haja interesses ocultos ou secundários. Esta entrega permeada de vulnerabilidade e intimidade é o que permite estabelecer conexões profundas que podem levar a relacionamentos mais sólidos, duradouros e satisfatórios. Tanto no âmbito de relacionamentos amorosos quanto em outras relações afetivas também.

3 SOBRE O AMOR

Para apresentação das vivências contemporâneas de amor, faz-se necessário ainda discorrer um pouco primeiro sobre o que se tem de entendimento em relação a esses tipos de vivências amorosas. Para isso, optou-se por usar a visão do psicólogo francês Yves Saint-Arnaud em seu livro “A Pessoa Humana: Introdução ao estudo da pessoa e das relações interpessoais”. Nesta obra, ele apresenta seu modelo descritivo de pessoa, buscando associar diferentes perspectivas teóricas psicológicas, tais como as ideias de processos inconscientes ou o enfoque no comportamento, com o intuito de uni-las sob um olhar integral que considere a pessoa em seu todo multifatorial.

Dessa maneira, ele descreve que cada ser humano possui um campo perceptual e uma energia organísmica. Esse primeiro é formado por um comportamento, observável tanto para o próprio indivíduo quanto para os que o cercam, e um Eu, ou *Self*, que é o conjunto das percepções que esse indivíduo tem sobre ele mesmo. Já a energia organísmica é formada por processos conscientes e atravessada por processos inconscientes, que são, ambos, o cerne da motivação que permite que as pessoas ajam no mundo, ou seja, produzam comportamento.

O autor acrescenta então um postulado importante referente à sua perspectiva, baseada na Psicologia Perceptual. Esta se apoia na coleta de dados no interior do campo perceptual, ou seja, tudo que se torna produto em forma de comportamento ou de fala do indivíduo sobre o que ele pensa e sente de si mesmo, dos outros e do mundo.

O postulado é o da tendência à atualização e se trata de uma postura de crença de que a energia organísmica de cada indivíduo é direcionada, por sua natureza mesma, para a própria atualização pessoal daquele indivíduo. Entende-se atualização como desenvolver suas potencialidades em prol da sua conservação e do seu crescimento. Dessa maneira, há uma ideia de responsabilidade compartilhada, pois tanto o ambiente fornece condições, que podem ser favoráveis ou não, quanto a pessoa também busca, em si mesma, condições para esse desenvolvimento. Da mesma forma, há um nível também de limitação do que se pode fazer dentro das condições que cada ambiente consegue fornecer. Não se é

dependente totalmente do ambiente, nem se exerce autonomia completa em relação a ele. Há, portanto, uma constante relação entre os dois.

Definir uma tendência à atualização não significa dizer que este é o único caminho que é percorrido. Pelo contrário, o autor fala que é possível que haja diversos entraves e dificuldades, tanto de ordem hereditária quanto situacional. Entraves psicológicos, físicos, sociais e culturais que podem desviar a orientação espontânea dessa energia atualizante. Esses, por sua vez, podem levar a processos de adoecimento e a transtornos psicológicos.

Por último, o autor caracteriza a motivação com base em necessidades que todo ser humano teria. Tanto a energia orgânica quanto o ambiente em que a pessoa se encontra são responsáveis por fazer emergir um complexo conjunto de necessidades no campo da consciência de cada pessoa e essas mesmas necessidades são o que movem a pessoa a produzir comportamento, agir no mundo, para saciar tais necessidades.

O que Saint-Arnaud propõe é que há três conjuntos de necessidades: as necessidades fundamentais, consideradas inatas e universais; as necessidades estruturantes, que são adquiridas no decorrer do desenvolvimento da pessoa e as necessidades situacionais, que refletem a experiência imediata de cada pessoa.

A necessidade fundamental de amar e ser amado

O autor divide as necessidades fundamentais, que são compartilhadas entre todos os seres humanos, em necessidades físicas, tais como comer ou dormir, e em necessidades psicológicas, que são três: necessidade de amar e ser amado, necessidade de produzir e necessidade de compreender. Por mais que as necessidades raramente apareçam sozinhas e é bem mais comum que haja comportamentos e motivações que reflitam mais de uma categoria de necessidades simultaneamente, para os fins do trabalho, se analisará apenas a necessidade de amar e ser amado.

Sendo uma necessidade fundamental psicológica, a emergência dela se traduz em um sinal de saúde do indivíduo, pois significa que ele está sendo incitado a buscar sua satisfação, motivado. Seria, como o próprio autor aponta, como o

apetite aparecendo para alguém que tem necessidade de se alimentar. Assim sendo, é necessário sua devida realização para que haja atualização da pessoa.

Em instância, significa necessidade de afeição, porém, não pode ser confundida como necessidade “de amor”, apenas. Pois há uma dimensão concreta e um duplo movimento, tanto ativo quanto passivo, de ser agente e receptor desse afeto. Amar e ser amado. Por isso mesmo pode-se perceber, eventualmente, que um desses movimentos esteja inibido, separadamente. A pessoa pode manter sua experiência de amar de maneira saudável e ter uma inibição em sua necessidade de ser amada ou o contrário. Elas se correlacionam, mas não dependem uma da outra necessariamente.

Também é importante ressaltar que o processo motivacional é vivido de maneira particular e complexa por cada indivíduo e nem sempre é possível ligar um comportamento a uma necessidade fundamental específica. Além disso, cada processo motivacional se constitui de uma maneira para cada pessoa em seu campo perceptual, uma vez que a história de vida pessoal de cada um é única e traz suas próprias questões, entraves, possibilidades e demais atravessamentos.

Isso se configura, por fim, em necessidades com intensidades ou valores diferentes. É possível que haja pessoas com uma necessidade de amar e ser amado que se sobreponha, para elas, às suas outras necessidades fundamentais psicológicas de produzir e de compreender. Uma pessoa, por exemplo, pode ter experienciado bastante afeto, ou a falta dele, em sua história de vida, o que torna essa necessidade, por diferentes motivos, primordial em seu campo perceptual. Isso não significa que a pessoa não tenha as demais necessidades fundamentais, mas elas aparecem de maneira mais tímida e impactam sua motivação de forma menos intensa.

Necessidades Estruturantes e Situacionais

Essas particularidades tomam forma também nas necessidades estruturantes e situacionais. A primeira possui influência do ambiente sócio-cultural, sendo, portanto, adquirida. Ela é a forma como cada indivíduo, dentro de seus interesses e de sua própria história de vida, privilegia uma maneira de responder satisfatoriamente a uma ou várias de suas necessidades fundamentais. Como não

tem o caráter universal das necessidades fundamentais, é difícil, por conseguinte, listá-las, pois elas podem tomar diversas formas e figuras, inclusive ao longo da história e em diferentes sociedades, já que cada contexto também interfere nessa modificação.

Algumas das características das necessidades estruturantes são: serem moldadas de maneira lenta pela constante interação entre a pessoa e seu ambiente; não serem diretamente observáveis; poder serem satisfeitas de diferentes formas; poder terem mais ou menos importância na vida de uma pessoa; serem polivalentes, o que significa dizer que podem traduzir a satisfação de mais de uma necessidade fundamental; não poder absorver de maneira exclusiva a energia orgânica; e não necessariamente favorecer a atualização da pessoa, podendo inclusive ser fonte de conflitos intrapsíquicos ou interpessoais, pois elas dependem da forma como a pessoa e o ambiente se relacionam. Nessa interação, pode haver a produção de necessidades no domínio afetivo que não sejam saudáveis ou atualizadoras.

No caso da necessidade fundamental psicológica de amar e ser amado, o casamento é um exemplo de instituição que estabelece diretrizes sobre a forma como essa necessidade pode ser vivenciada. As pessoas aprendem, por meio do ambiente, que a relação permanente com uma pessoa é um meio de satisfazer a necessidade fundamental que experimenta de amar e ser amado. Da mesma forma, essa necessidade de manter uma relação estável não é a única que pode emergir. Pode haver também a necessidade estruturante de variar suas relações afetivas, ou seja, de procurar diferentes parceiros, e que não é preciso se relacionar por muito tempo com uma única pessoa.

Outro exemplo de estrutura motivacional no domínio afetivo é a necessidade de amizade, seja ela uma necessidade por se ter numerosos amigos ou por ter apenas alguns amigos íntimos. Essas diferentes formas de expressar cada necessidade de amar e ser amado são o que compõem a ampla diversidade de experiências que podem surgir no campo perceptual de cada pessoa.

As necessidades estruturantes têm um caráter parcial, nenhuma delas pode, por si só, mobilizar toda a energia orgânica. Assim, a necessidade estruturante de um vínculo estável pode coexistir, por exemplo, com uma necessidade

estruturante de amizade, como aponta o autor. Outra necessidade estruturante que pode ser descrita é a de fidelidade conjugal, que significa uma exclusividade afetiva e de relações sexuais com uma ou algumas pessoas apenas.

Já no campo de necessidades situacionais, elas traduzem uma experiência imediata da pessoa, como “eu estou com fome”, diferente da necessidade estruturante de realizar três refeições ao longo do dia. É a experiência motivacional tal como é vivida no aqui e agora. Apesar de serem a estrutura última, na verdade são as pistas que aparecem e que podem levar às estruturas mais amplas, que as suportam, pois é a partir da análise de descrições do dia a dia, de vivências reais e concretas, que pode-se perceber as necessidades situacionais de alguém e, por meio delas, chegar a necessidades estruturantes e fundamentais.

Elas possuem natureza móvel e não permanente. A necessidade sentida em determinado momento por um indivíduo é um fenômeno que só aparece uma vez em sua história, pois uma mesma pessoa pode dizer milhares de vezes “estou com fome”, mas na situação específica daquele momento, naquelas condições e naquele lugar, só há aquela necessidade situacional que surge de estar com fome.

Da mesma forma, a necessidade situacional de ligar, de conversar com alguém, ou de estar presente com aquela pessoa, pode se modificar ao longo do tempo, já que elas não são permanentes. Essa necessidade pode tanto se intensificar quanto se enfraquecer e desaparecer. A pessoa para quem essa necessidade se dirige pode mudar e mesmo necessidades semelhantes de estar com uma pessoa ou outra não são a mesma necessidade, pois dizem de pessoas diferentes, que despertam sensações e sentimentos distintos e cujas relações são únicas, cada uma à sua maneira.

Por fim, é importante dizer que as necessidades situacionais podem tanto ter a ver com necessidades estruturantes, e mais de uma inclusive, quanto podem emergir de maneira espontânea, sem relação direta com uma necessidade em particular: seu caráter único escapa, então, a qualquer análise de estrutura motivacional. A pessoa que está em processo de crescimento vê emergir em seu campo perceptual uma multiplicidade de necessidades situacionais. Elas podem pertencer a uma estrutura motivacional ou ser simplesmente uma manifestação da

tendência a se atualizar, como, por exemplo, uma alegria de viver que emerge espontaneamente em uma pessoa sadia.

Crescimento e Processo Defensivo

O processo de crescimento se refere à tendência natural de atualização da pessoa, que designa um tipo de transformação da energia orgânica em comportamento que contribui para a sua conservação e o seu desenvolvimento. Para ela acontecer, Saint-Arnaud descreve três elementos essenciais: a abertura à experiência, o assumir-se a si mesmo e a ação sobre o meio ambiente.

O autor relaciona a abertura à experiência com o conceito de “consideração positiva incondicional” de Carl Rogers, psicólogo estadunidense desenvolvedor da Abordagem Centrada na Pessoa. Ambos dizem de uma atitude de viver plenamente em que as pessoas estão em contato com elas mesmas. As experiências são percebidas pela própria pessoa como igualmente dignas de consideração positiva, é uma atitude de acolhida dessas experiências *a priori*.

Assumir-se a si mesmo tem a ver com a pessoa ser o centro da decisão de seu próprio agir no mundo, de seu próprio comportamento. Diz tanto de mecanismos de auto-regulação quanto de um processo de controle, não em um sentido inibitório ou adoecedor, mas sim da apropriação de uma responsabilidade sobre o fazer no mundo da pessoa, relacionado com um Eu forte, capaz de dispor livremente da sua energia orgânica. Isso leva a uma liberdade de poder, conscientemente, analisar, criticar, avaliar e escolher.

Já a ação sobre o meio ambiente refere-se a poder relacionar-se com o meio a fim de se usufruir dele de forma apropriada, garantindo a satisfação de suas necessidades. Há, nesse sentido, um sentimento de responsabilidade pessoal. Assim, de acordo com o autor, esses três elementos podem ser resumidos por experiência, liberdade e competência.

Por outro lado, o processo defensivo é uma inibição da pessoa que acontece por causa de uma invasão do campo perceptual dela, que ocorre quando há sentimentos desagradáveis presentes, tais como ansiedade, medo, culpa, vergonha ou algum outro mal-estar. O que leva a uma conseqüente paralisação de seu agir no mundo. A energia orgânica ou não se transforma em comportamento útil e

saudável, ou se transforma em comportamento prejudicial para seu desenvolvimento pessoal.

A Relação Calorosa

Dentro dos tipos de relação interpessoal que Saint-Arnaud caracteriza, a relação calorosa diz respeito ao tipo de contato entre duas pessoas em que há a satisfação da necessidade de amar e ser amado de maneira adequada. Esse tipo de relação coloca em interação indivíduos que se percebem como parceiros capazes de satisfazer uma ou várias de suas necessidades fundamentais de ordem psicológica. Há uma premissa de que ambas as partes procuram simultaneamente responder à mesma necessidade fundamental, se não de maneira exclusiva, pelo menos de maneira predominante.

Para os fins dessa análise, vale lembrar que se considerará relações não-multifatoriais, uma vez que na realidade os relacionamentos entre as pessoas apresentam maior profundidade e outros atravessamentos. Os encontros, mesmo de uma mesma relação, se dão em diferentes momentos para distintos fins e não necessariamente o que uma pessoa busca em uma relação corresponde ao que outra pessoa também busca. Entretanto, para poder olhar especificamente para a necessidade de amar e ser amado, se considerará a relação calorosa como essa descrita entre duas pessoas que possuem o objetivo comum de atender a essa mesma necessidade.

Esse tipo de relação, então, é composto por três características, considera o autor: os dinamismos erótico, afetivo e de liberdade. Cada uma delas varia em um *continuum* e estão presentes em maior ou menor intensidade, do agradável ao desagradável, nas relações de amar e ser amado. Cada tipo de relação vai dizer de uma forma característica de esses dinamismos aparecerem.

O dinamismo erótico diz de uma experiência de prazer, que é o contato agradável com uma pessoa por meio do campo perceptual. Seja porque a pessoa é considerada visualmente agradável de se ver ou porque o toque com sua pele traz uma sensação prazerosa. O som da voz, o cheiro e o gosto: todo e qualquer aspecto que desperte uma sensação sensorial é considerado aqui. Inclusive, não se refere somente ao prazer sexual genital, pois essa dimensão é considerada em todo

tipo de relação calorosa, inclusive parental ou de amizade, por exemplo. O dinamismo erótico não é o principal da relação calorosa e pode também não estar presente, principalmente se o contato físico presencial não é possível.

Já o dinamismo afetivo se refere às sensações afetivas que aquela outra pessoa lhe provoca, tais como carinho, simpatia e conforto. Tem a ver com uma afeição e pode, como também no dinamismo erótico, aparecer como experiência desagradável: desprezo, antipatia e desconforto. Já no âmbito sexual pode aparecer como uma forma de desprazer, tal como nojo ou repulsa.

Por último, o dinamismo da liberdade é a capacidade de conseguir se assumir responsável pelas suas próprias escolhas. Aparece como uma tomada de consciência diante de suas possibilidades e limitações, possibilitando, na medida do possível, agir diante cada situação de forma autêntica. Ao contrário dessa abertura, dessa conscientização e de uma flexibilidade, esse dinamismo aparece de modo defensivo quando há alguma rigidez, seja por causa de um moralismo internalizado ou de um valor imposto por uma outra pessoa.

Dessa maneira, há atualização quando a pessoa pode, propriamente, agir com maturidade erótica, afetiva e ética. A primeira e a segunda acontecem quando há a possibilidade de experimentar e de se permitir sentir sensações e sentimentos, sejam eles agradáveis ou não, frente a estímulos correspondentes. A última ocorre quando a pessoa pode agir com responsabilidade e liberdade de acordo com suas próprias crenças e valores.

O Amar

Saint-Arnaud descreve a pessoa humana como formada por um campo perceptual, composto por comportamento e Eu; e por uma energia orgânica, composta por processos conscientes e atravessada por processos inconscientes. Ele também fala sobre como as necessidades surgem de uma constante interação da pessoa, por meio de sua energia orgânica, com o meio ambiente, e que são elas que fazem surgir a motivação, que é transformada em comportamento efetivamente.

O autor elabora em seguida três tipos de necessidade: as necessidades fundamentais, inatas e universais; as necessidades estruturantes, adquiridas no

contato constante com o ambiente; e as necessidades situacionais, correspondentes à experiência imediata de cada pessoa. Dentro do primeiro grupo, destaca-se a necessidade fundamental de amar e ser amado e suas correspondentes necessidades estruturais e situacionais, que variam para cada pessoa em cada contexto.

Em conseqüente, há, de acordo com Saint-Arnaud, uma tendência natural da pessoa a se atualizar, que é a busca por crescimento. Esse crescimento se dá por meio de três componentes essenciais: a abertura à experiência, que é poder acolher as próprias vivências e atitudes; o assumir-se a si mesmo, que tem a ver com ter liberdade e responsabilidade sobre suas próprias escolhas; e a ação sobre o meio ambiente, que se refere ao agir de forma competente sobre o meio, garantindo a devida satisfação de suas necessidades. Dessa forma, crescer, ou atualizar-se, é ser autoconsciente de suas atitudes e escolhas, sabendo acolher erros e enganos, e buscando de maneira efetiva o que se intenciona obter do mundo.

De maneira oposta, o processo defensivo ocorre quando há uma inibição de algum desses componentes devido a um aspecto desagradável presente. Isso gera um desfoque de suas reais necessidades e motivações e leva a um agir no mundo prejudicado, não-saudável, ou mesmo paralisado.

Por fim, tem-se a relação calorosa, a qual o autor relaciona três aspectos: o dinamismo erótico, que é toda e qualquer sensação física, agradável ou não; o dinamismo afetivo, que é todo e qualquer sentimento, agradável ou não; e o dinamismo de liberdade, que é a autonomia, ou não, para agir no mundo de maneira consciente e autêntica. Dessa forma, as relações calorosas e, por consequência, as relações de amor, serão compostas, em maior ou menor intensidade, de maneira agradável ou não, por esses três componentes.

O amar, portanto, é fruto de uma motivação, advinda da necessidade fundamental de amar e ser amado e que pode levar a um comportamento ou não. Cada necessidade estrutural e situacional vai aparecer de acordo com a pessoa que ama, em seu devido contexto, e atravessada por vários aspectos, inclusive por quem é a pessoa que se ama. Se esse amar, correspondido ou não, realizado factualmente ou não, será propício à atualização da pessoa, isso dependerá de como quem ama consegue administrar todos os aspectos do seu campo perceptual.

4 O AMAR NA CONTEMPORANEIDADE

Desde a filosofia antiga, o amor é uma ideia bastante pensada e estudada. Já se usou vários termos para dizer sobre esse conceito: sentimento, sensação, força, entre outros. Ademais, ao longo do tempo, cada um desses termos e cada um dos conceitos criados permeou as mentes - e os corações - de filósofos, escritores, poetas, psicólogos e outras pessoas também, cada uma a seu modo peculiar e em seu tempo.

Assim, definir amor não é tarefa fácil. Na verdade, talvez tentar captá-lo por meio de palavras seja uma mera tentativa mesmo, longe de ser capaz de traduzir totalmente sua inefável forma de habitar cada ser em sua história. Colocado desse modo, essa é uma tentativa de dizer um pouco sobre as perspectivas de algumas das vivências do amar na contemporaneidade.

Vale a pena também ressaltar que o amor tem diversas formas e com diversos focos de interesse. Pode-se amar animais e apreciar imensamente objetos, mas analisar esses dois primeiros não é o objetivo deste trabalho. Também pode-se amar, dentre pessoas, parentes, como amor de pai para filho ou de filha para mãe, como amor de irmãos ou como se ama um tio ou uma avó muito queridos. Ama-se amigos e figuras admiráveis, sejam elas próximas e alcançáveis ou não. Esses também não são parte do objetivo deste trabalho.

Com esta monografia pretende-se olhar para o amor romântico, amor do envolvimento emocional e sexual. Amor advindo da ideia de paixão e de comprometimento com um outro em um nível mais íntimo e vulnerável. Dadas essas premissas, vale ressaltar, portanto, que esta resenha não pretende, de maneira alguma, esgotar este inesgotável tema. O amor, em suas variadas formas, transforma-se ao longo do tempo e dos contextos em que a sociedade se coloca.

Além disso, precisa-se desmistificar a ideia equivocada de que o amor é um conjunto de reações químicas e fisiológicas que alteram comportamento e cognição. Apesar de ser importante o estudo neurofisiológico das reações que acontecem, principalmente as que se manifestam simultaneamente a algum evento em específico, reduzir o amor a meras conexões neurais e liberações hormonais ignora toda a dimensão psico-sócio-espiritual que se pode ter com esse sentimento.

Embora seja uma imagem contra-intuitiva para a cultura científica ainda positivista dos tempos atuais, explicar um fenômeno por meio das características fisiológicas que o acompanham não esgota sua total compreensão. Sequer passa perto, na verdade. Pois tais características, por mais que muitas vezes sejam interpretadas como causa de determinadas reações e comportamentos, na verdade são parte fundante do próprio fenômeno para o qual se intenciona olhar. Não é o amor uma consequência de reações neurofisiológicas nem estas a causa para esse. O amor é também as reações corporais e mudanças cerebrais que se pode, ou não, observar. Assim sendo, qualquer redução nesse sentido é uma invalidação inadequada do fenômeno.

Historicamente, porém, apesar de muito estudado e pensado, o amor nem sempre teve um protagonismo nas sociedades. Antes do século XIX, por exemplo, os casamentos eram vistos como acordos entre famílias e não com a perspectiva romântica de compromisso com a pessoa amada. O casamento, principalmente entre pessoas de famílias que ocupavam algum papel de destaque político ou econômico na sociedade, era uma forma de perpetuar linhagem e estabelecer acordos. Já entre os menos abastados, o casamento poderia vir como uma maneira de se ter filhos e, com esses, mão-de-obra para ajudar na sobrevivência da família.

A partir do século XIX, porém, ganha-se força a ideia de casamento por amor e de que deve-se encontrar a felicidade com essa união. O divórcio começa a surgir como perspectiva justamente dessa ideia de que o casamento é um meio para se alcançar essa felicidade, esse amor.

O amor

Seja pelo conceito socrático trazido por Bauman de que o amor é uma construção de algo conjuntamente a alguém significativo ou pela apreensão do movimento de amar a partir das ideias de Saint-Arnaud, é inegável dizer que esse tipo de atração faz parte da constituição do que se entende tanto por ser humano quanto por sociedade.

A sociedade ocidental contemporânea, para além das mudanças nos ritos de casamento, pôde ser também palco para a ascensão de vários modelos de relação que nas sociedades patriarcais conservadoras dos séculos precedentes não era

possível. Essas formas de amar sempre existiram e permearam outros momentos da história da humanidade, algumas delas na própria Grécia Antiga, mas a possibilidade de que elas apareçam em maior quantidade e expressividade é marca fundante do tempo presente. Inclusive, isso não significa que nas sociedades ainda patriarcais e conservadoras que se vive hoje amar seja tarefa fácil. Pelo contrário, foi só a partir de uma constante luta por esse direito que algumas dessas vivências puderam se fazer devidamente ouvidas, devidamente vistas.

O amor não está restrito a gênero e transcende sexualidade. Em nenhuma das visões apresentadas, essas características eram essenciais para se constituir a experiência de amar. Assim, tanto relações homossexuais, quanto relações heterossexuais, sejam de pessoas que se considerem cis ou transgênero, são marcas de amor. Não se pretende neste trabalho, portanto, analisar a sexualidade de cada pessoa ou seu gênero, pois essas características dizem de aspectos individuais de cada um. O que se pretende, em contrapartida, é dar enfoque nos modelos de relação e em como a sexualidade está ou não presente no relacionamento, pois esta sim diz de uma maneira relacional de se estar com uma outra pessoa.

Monogamia e Não-monogamia

A monogamia é definida pela manutenção de uma exclusividade afetiva e sexual com apenas uma pessoa. Porém, tem sido cada vez mais presente a configuração de modelos não-monogâmicos de relação. Precisa-se problematizar, no entanto, a ideia de que a monogamia é apenas fruto de uma convenção social arbitrária, por causa principalmente do modelo patriarcal que foi se constituindo ao longo da história. Por mais que essa influência seja sim importante de se considerar, não parece haver também uma argumentação sólida e consistente que defina um só modelo de relacionamento humano, seja ele monogâmico ou não.

A predominância, por exemplo, de relações não-monogâmicas na natureza e em outras espécies, se torna um argumento insuficiente na medida em que o ser humano se distingue drasticamente de qualquer outra espécie por diversas razões, inclusive pela capacidade de poder refletir, que é o movimento de tomada de consciência de algo, e por não ser regido única e majoritariamente por seus

impulsos instintivos. Pelo contrário, o ser humano é atravessado fortemente pela concepção da ética, ou seja, pelo conjunto de ideias e crenças que tem e que são importantes para que a pessoa possa se entender e se localizar no mundo, a fim de agir nele de maneira a se sentir livre e autêntica. Essas concepções capazes de reger o comportamento humano são sim atravessadas pela cultura e pelo modelo patriarcal de sociedade, mas também são atravessadas pela constante reflexão que cada um faz, que difere de pessoa para pessoa, pois cada ser humano é único e distinto de seus iguais, capaz de pensar e relacionar ideias de maneira livre e própria.

Por outro lado, simplesmente desconsiderar a não-monogamia, como se ela fosse promiscuidade ou não dissesse de relações sérias de comprometimento mútuo entre as partes, também é um equívoco. O que acontece atualmente nas relações presentes na sociedade líquida que Bauman descreve é que tem-se perdido, muitas vezes, o caráter de construção conjunta, ou mesmo de solidariedade, fundantes para a ideia de sociabilidade. Isso se traduz em relacionamentos vazios de propósito ou de real envolvimento, em que não se enxerga o outro como um ser único, repleto de vivências, necessidades, desejos e objetivos, sejam esses relacionamentos monogâmicos ou não.

Ao se deparar com esses tipos de relacionamento, o que se encontra na verdade é o desejo substituindo o amor. Seja um desejo de ordem sexual, a cumprir aquela necessidade fisiológica, seja um desejo de ordem afetiva, a fim de corresponder a alguma carência, ou seja um desejo de alguma outra ordem, como o de querer manter a imagem social de um relacionamento estável para não ter que lidar com algum tipo de desconforto. Não há, portanto, um interesse genuíno por aquela outra pessoa, mas sim camadas de interesses próprios que impedem que se possa ver o outro de verdade.

Relações assexuais

Como pontuado por Saint-Arnaud, o dinamismo erótico não é o principal dentre os três dinamismos e nem precisa estar presente em uma relação calorosa. Inclusive em uma relação de amor. Há a possibilidade de se amar e de desenvolver relações significativas com outra pessoa mesmo que nunca haja contato presencial

com ela, por exemplo. Este é o caso de pessoas que se conhecem virtualmente e moram bem distantes ou que não pretendem estender a relação para o presencial.

Além disso, um dos modelos de relacionamento que têm ganhado mais visibilidade na contemporaneidade é o de pessoas assexuais, ou seja, que não possuem desejo sexual ou não têm necessidade de contato sexual. Nesses relacionamentos também há a possibilidade de haver amor e o desenvolvimento de preceitos que sejam realmente importantes para aquelas pessoas.

É importante observar, no entanto, que ao falar de ser humano, a corporeidade é uma experiência significativa e presente. O que a pessoa experimenta, sente e manifesta em seu corpo diz muito de si mesma. Por isso mesmo que a não-sexualidade se torna um ponto tão marcante. Essa pessoa ainda pode manifestar o dinamismo erótico por meio de outros tipos de afeição física, como o carinho, se sentir visualmente atraída pela pessoa que ama, ou mesmo gostar do seu cheiro. Entretanto, essas manifestações fogem do âmbito sexual ou genital.

Como as pessoas amam afinal?

O que se pode observar então das relações amorosas na contemporaneidade é o constante conjunto de implicações e manifestações, próprias dessa experiência de se apaixonar por alguém, mas agora com o atravessamento peculiar deste contexto marcado por uma sociedade que privilegia cada vez mais o individual ao coletivo, a mercadoria ao relacional.

Tais características do amar tomam forma de acordo com cada pessoa, em cada tempo, cada um a seu modo. Por isso o contexto em que acontecem é tão significativo e importante, pois também molda como cada uma dessas características pode emergir.

Dessa forma, quando se fala de uma sensação de vazio experienciada por muitas pessoas ao não conseguirem vivenciar relações amorosas significativas atualmente, é o dinamismo afetivo que está em jogo, frente à forma como as pessoas têm estabelecido necessidades e prioridades de maneira a desconsiderar o outro, as relações. Da mesma maneira, quando alguém se sente inseguro pela possibilidade de seu parceiro poder abandoná-lo a qualquer momento, aparece em

foco o dinamismo da liberdade, uma vez que estar em um relacionamento pressupõe incerteza sobre até quando aquela pessoa vai permanecer junto também, já que ela é livre para agir e para escolher. Surgem, com isso, movimentos de ciúmes e de controle, processos defensivos de um comportamento inibitório, tanto de si mesmo quanto do outro, quando a incerteza da permanência daquele que se ama se torna insuportável demais para lidar.

A própria infidelidade também é reflexo dessa relação, uma vez que ela acontece quando não há um acordo entre as partes envolvidas no relacionamento. As pessoas, de maneira geral, não querem lidar com o desagradável do outro e sentem um impulso urgente de suprir suas próprias tensões e necessidades. Perde-se de vista a intenção de se estar com aquela outra pessoa e inclusive de se comunicar efetivamente com ela, buscando conciliar atritos, conflitos, ideias e crenças diferentes, necessidades particulares, prioridades, expectativas e tantas outras coisas.

Todos esses conflitos, passíveis de surgirem em relacionamentos, e tantos outros, dizem de uma maneira não-atualizante de agir com o outro e consigo mesmo. Não há o controle auto-regulativo do assumir-se a si mesmo na infidelidade ou o agir de forma competente sobre o meio quando não há comunicação. Fatores essenciais para essa avaliação de expectativas e intenções do outro e poder também manifestar suas próprias.

Risco e Possibilidade

Amar não se tornou tarefa mais simples ou fácil ao longo dos milhares de anos em que o ser humano existe e, portanto, ama efetivamente. Na verdade, se algo foi aprendido sobre o amor durante esse tempo, pode-se dizer justamente de sua impermanência e multiplicidade. Impermanência por estar em constante modificação, inclusive a cada relação de amor que se tem, e multiplicidade por seu caráter tão aberto, diverso e amplo.

Seja nas diferentes configurações de relacionamento ou nas variadas compreensões sobre como cada um ama e entende amor, fato é que contratempos e desencontros são inevitáveis e, portanto, parte significativa dessa experiência também. O que se faz com os empecilhos que se encontra e como se lida com os

problemas que aparecem é que são as verdadeiras questões, pois uma atitude atualizante e, por conseguinte, que implica no crescimento, requer comportamentos que condizem com essa intenção.

Assim, é importante manter atenção e cuidado para esses aspectos e também para o outro, como se olha e se relaciona com esse outro. A busca por atitudes mais éticas e consistentes com o que se verdadeiramente acredita e a retomada dos valores de compaixão, fraternidade e solidariedade podem ser o caminho para relações mais significativas, íntimas e atualizantes. Afinal, se o outro é um risco, uma incerteza, ele também é a única possibilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das considerações sobre a contemporaneidade, pôde-se perceber que os ritos e as vivências sobre o amor, ao contrário dos relativos à morte, não têm contribuído mais tanto para um aprendizado efetivo, como acontecia antes. Com isso, o amor ganha uma conotação diferente e as próprias relações passam a ser vistas de maneira mais superficial e rasa, como relações de trocas comerciais e não de envolvimento profundo com um outro significativo. Parentesco perde importância frente a um mundo que valoriza bem mais as relações por afinidade e as próprias concepções sobre sexo e sobre se ter filhos vão ganhando novas configurações. As mudanças não refletem apenas aspectos negativos, mas estes provocam algumas pessoas a procurarem por relações mais significativas, uma vez que é frequente se deparar com um vazio de sentido nos relacionamentos que se encontra. A solidariedade surge como possibilidade para esse tipo de apelo que emerge.

Por outro lado, a necessidade fundamental de amar e ser amado, e suas correspondentes necessidades estruturantes e situacionais, que dependem e variam de acordo com cada pessoa em cada contexto, moldam as compreensões individuais sobre o que é o amor e como se dão as relações amorosas. Os desafios sobre o que é crescimento e o que é processo defensivo colocam em questão como efetivamente acontece uma relação calorosa e como a experiência de amar pode ser compreendida e caracterizada.

Assim, o amor pode ser descrito. Juntamente a ele, tanto as diferentes relações de monogamia e não-monogamia quanto as relações assexuais podem ser também devidamente observadas e entendidas. Pode-se trazer um pouco mais sobre a maneira como as pessoas tendem a estabelecer relações de amor frente às suas próprias necessidades de amar e quais os riscos implicados nisso, que denunciam processos defensivos. Em contrapartida, opõe-se a esses riscos o que pode aparecer como possibilidade frente a essas desafiadoras maneiras de se relacionar.

Dessa maneira, é possível entender que a busca por relações mais significativas em um contexto de relacionamentos líquidos, independente de como essas relações significativas se configuram, parte das ideias de se priorizar

dinâmicas mais solidárias e fraternas com o próximo e também por se atentar às formas como se estabelece cada tipo de relação, mesmo as que não sejam necessariamente de amor. Assim, busca-se vivências cada vez mais libertadoras e autênticas, em prol de uma atualização efetiva de si mesmo e de possibilitar que o outro também se atualize, cresça.

Simultaneamente, por ser um tema tão amplo e profundo, persiste a necessidade de haver mais pesquisas e compreensões sobre o assunto. Tanto sobre relacionamentos interpessoais e as diversas dinâmicas que aparecem, quanto sobre, mais especificamente, as relações amorosas. Abre-se a possibilidade de compreender melhor as novas dinâmicas relacionais que ganham mais espaço na atualidade e também como diferentes aspectos do envolvimento amoroso, tais como o erotismo, a afetividade ou a liberdade, se apresentam e se constituem.

6 REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.
- SAINT-ARNAUD, Yves. **A Pessoa humana: introdução ao estudo da pessoa e das relações interpessoais**. Loyola, 1984.